

Tessituras de marcas de identidade: uma leitura de *As Mulheres de Tijucopapo*

Alexsandra Maria Ferreira da Silva

Ao ler *As Mulheres de Tijucopapo* e discutir a identidade do sujeito feminino, é primordial salientar que não se pode falar em identidade como algo fixo, acabado; enfim, dado. Os modelos de ser, sentir, pensar e agir dos indivíduos e grupos formam um mosaico de diversidades, constituindo identidades multifacéticas, como no caso da protagonista. Deste ângulo de análise das identidades e, portanto, da constituição dos sujeitos, sobressaem a contradição e a idéia de permanente movimento de construção, desconstrução e reconstrução como traços consubstanciais.

É nesse sentido que pude verificar que a narradora-protagonista, Rísia, no processo de desconstrução/construção/reconstrução de uma identidade, contesta a modelagem estabelecida. O que torna o romance interessante e instigante. Observa-se na obra em análise, que a narradora-protagonista inaugura novas práticas desafiadoras do *status quo* e produz, assim, um contradiscurso. Tenta recriar, sob o empoderamento das guerreiras de Tijucopapo, novos saberes e fazeres subversivos, na direção do que Bourdieu denomina revolução simbólica (1980). E, assim, põe em questão o que estava posto como dado e fatalidade, desmonta a falácia do conformismo e da submissão dessas categorias sociais. Introduce e reafirma as diferenças e a pluralidade, contra a intolerância à alteridade e a desqualificação do que não segue o modelo baseado na supremacia dos homens, dos brancos e das classes economicamente privilegiadas. Assim, através deste romance, verifiquei que a pluralidade multifacética torna-se o alicerce de todas as temporalidades históricas, que nenhuma cultura, mesmo na era da globalização, conseguiu diluir.

A análise da obra aponta na direção da multiplicidade do sujeito feminino. A partir da pesquisa realizada para este trabalho, observei que o ser mulher mostra-se em diversas dimensões, tal como um mosaico: como negra, pobre, empregada doméstica, mãe, esposa, filha, amiga, etc., revelando arcaicas e novas de formas dizer/fazer/saber femininos.

Neste sentido, os saberes femininos são fundados na própria experiência, no conhecimento vivencial através da troca com outros sujeitos. Porém, pouco organizados, estes saberes não são valorizados por elas próprias. Resultam, portanto, em vivências de medo, frustrações e sensações de incapacidade e/ou fracassos, causando-lhes ambivalência ou ambigüidade e sensação de insatisfação, que não conseguem localizar ou, até mesmo, explicitar.

Contudo, a identidade do sujeito feminino envolve de forma contraditória dimensões de experiências de acomodação e rebeldia, onde a adoção de formas de saberes, dizeres e padrões femininos de comportamento podem constituir-se em estratégia de resistência a contextos mais amplos de opressão. No mínimo, este tipo de identidade, com potencial revolucionário, pode remeter a algum ganho, ainda que mais pontual. Estes ganhos podem contribuir para a desconstrução do ideal tradicional de ser mulher e oferecer elementos para a reconstrução do feminino, através de novas referências identitárias (assim, engendrar-se-á um novo capital simbólico).

Um ponto fascinante nessa trilha percorrida com Rísia foi observar que as referências identitárias aludem não apenas a aspectos fenotípicos e ao lugar ocupado na estrutura de classes, mas também a um complexo conjunto de elementos relacionados aos modos de vida e a valores, crenças e práticas sócio-culturais, como a vivência da sexualidade, do ciclo vital e da religiosidade. Atravessando as distintas configurações estudadas das conexões gênero-etnia-classe, ficaram claras as posições hierárquicas vivenciadas nas experiências de Rísia e das mulheres do seu círculo familiar e social. Estas experiências formam múltiplas dimensões da identidade e, portanto, encontrar-se-á, nesta obra, um sujeito múltiplo.

Considerando-se a coexistência de múltiplas identidades – de classe, de gênero e étnica –, vale ressaltar que um dos anseios formulados por Rísia diz respeito à expectativa de ascensão econômica e integração/aceitação na sociedade, como mulher negra oriunda de uma classe social marcada pelo patriarcado e pela diferença de classes. Isto equivale dizer que o legado histórico definidor do lugar social ocupado hoje na estrutura social, associado a uma identidade cultural construída/vivenciada a partir da subalternidade, determina a proeminência dos referentes identitários de classe/etnia, em relação aos de gênero. Tal fato indica que permanecem na ordem do dia as mesmas reivindicações do passado servil, deixando a uma enorme dívida social.

Assim, a identidade de Rísia se constrói/destrói/reconstrói – e necessariamente se entrelaça com outras identidades – nos processos vivos de acontecer das relações familiar e social.

O caminho percorrido por Rísia mostra prática, mais do que de passividade e acomodação, de relações de poder em grandes e pequenas escalas, quer no ângulo de classe, quer no de gênero. Logo, parece provável que se possa concebê-la como ativa participante da trama social, introduzindo cunhas na forma de poder hegemônico. Pode-se concluir, portanto, que este poder constitui um elemento transversal – intrinsecamente relacional, posto que consubstancial a qualquer relação social – mas não absoluto, imutável.

No trabalho realizado, conclui-se que, não obstante os percalços pelos quais passa Rísia, no seu percurso de vida e das feridas abertas narrados nos incidentes inscritos em *As Mulheres de Tijucoapo*, a protagonista tece saídas. A narrativa da obra de Marilene Felinto denota, contudo, que a despeito de trazer à tona o discurso de uma mulher oriunda de uma classe socialmente excluída, sua experiência de resistência como luta individual e solitária, torna real a possibilidade da contestação, da rebeldia e da subversão da ordem estabelecida. É a mulher brasileira que tenta (re)construir sua identidade dentro dos impasses socioculturais.

Sendo assim, a prosa de Marilene Felinto no romance *As Mulheres de Tijucoapo*, alertou-me para mais uma forma de ampliar o conhecimento a respeito da mulher que tenta (re)construir sua identidade dentro dos impasses socioculturais causados pelas profundas mudanças históricas da contemporaneidade. Na tessitura das marcas de identidade, o romance costura uma mulher que narra um discurso com gosto de vidro e corte, uma narrativa que é regida pelo regime da voracidade. Mas em meio a esse transbordar para fora, há também o deslimite do amor para se juntar às suas mulheres, para se juntar novamente com o verdadeiro de si. Enfim, possibilita abrir fendas e gerar possibilidades inovadoras ao sujeito feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo In: _____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- Almeida, Suely S. *Femicídio: algemas (in)visíveis do público-privado*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- Arendt, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro, Documentário, 1975.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. London; Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- Badinter, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Igenes Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- Balibar, Etienne & Wallerstein, Immanuel. *Race, Nation, Classe: Lês Identités ambigües*, Paris: Editions La Découverte, 1988.
- Benjamim, Walter. *Magia e técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *A modernidade* In: _____. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- Canclini, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- Ciampa, Antônio C. *Identidade*. In: Lane, Silvia T.M. & Codo, Wanderley (orgs.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Debieux, Miriam. *A psicanálise frente à questão da identidade*. Revista: Psicologia e Sociedade; V.10 – n.1. ABRAPSO, 1998.
- Eriksen, Thomas H. *Etnicity & nacionalism: anthropological perspectives*. Pluto Press, 1993.
- Felinto, Marilene. *As mulheres de tijuco-papo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Ática, Ensaios 34, vol. 1 e 2, 1978.
- _____. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. (Col. Polêmicas do nosso tempo; vol.33).
- Fernandes, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

Fletcher, John; Bradbury Malcom. *O romance de introversão*. In: *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Giddens, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

Gilligan, Carol. *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

Hall, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

Hasenbalg, Carlos A. *Notas sobre relações de raça no Brasil e na América Latina*. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (org.). *Encontro Latino-americano sobre gênero e raça. y nosotras latinoamericanas: Estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

_____. & Silva, N. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo/ IUPERJ, 1992.

Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Ianni, Octavio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A racialização do mundo*. Tempo Social; Revista de Sociologia, USP, São Paulo, nº 8(1), 1996.

Kristeva, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lauretis, Teresa. *A tecnologia de gênero*. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lefebvre, Henry. *The survival of capitalism: reproduction of the relations of production*. London: Allison and Busby, 1976.

Lovell, Peggy A. *Raça e gênero no Brasil*. Lua Nova, revista de cultura e política, nº 35, 1995, CEDEC (Desigualdades).

Mello, João Manuel C. de e Novais, Fernando ^a Capitalismo tardio e sociedade moderna. In: Schwarcz, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mercadante, Elisabeth Frohlich (1970). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC - SP, 1997.

Rago, Margareth. *Ser mulher no século XXI ou carta de alforria*. In: Venturi, Recamán Marisol e Oliveira, Suely de (org.).- 1. Ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Ribeiro, Matilde. *Relações raciais nas pesquisas e processos: em busca de visibilidade para as mulheres negras*. Gustavo Venturi, Marisol Recamón e Suely de Oliveira. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Saffioti, Heleieth I.B. Vargas Muñoz Vargas, M. (Orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: NIPAS; Brasília, UNICEF, 1994.

_____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1978.

_____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. “*Movimentos Sociais: face feminina*”. In: carvalho, Nanci Valadares de (Org.). *A condição feminina*. São Paulo: Revista dos Tribunais/ Vértice.

_____. “*A Síndrome do pequeno poder*.” In: Azevedo. M. A. e Guerra, V.N.A. (Orgs.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. *Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gêneros*. In: Moraes Silva, M.A. (Org.). *Mulher em seis tempos*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1991.

_____ e Almeida, S.S. (1995). *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

_____. “*No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual*”. In: Madeira, Felícia R. (Org.). *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Unicef, 1996.

_____. “*Equidade e paridade para obter igualdade*”. *O social em Questão*, n.1. Revista do Programa de Mestrado em serviço social da PUC – Rio, jan./jun., 1997.

_____. *Gênero e patriarcado*. Inédito, 2001.

_____. *Violência doméstica sob a Lei 9.099/95*. Relatório apresentado ao CNPq, 2003.

_____. *Gênero e patriarcado: violência contra mulheres*. In: Gustavo Venturi, Marisol Recamón e Suely de Oliveira. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1a. Ed. 2004.

Schwantes, Cíntia. *Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos*. Tese de doutorado, UFRGS, 1997.

Scott, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 1989.

Tadié, Jean Yves. *O romance do século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Zinani, Cecil. *A constituição da identidade feminina em a mulher habitada*. Porto Alegre, 2003.